

A INSERÇÃO DA HORTA NA ESCOLA

George Pimentel Fernandesⁱ

Vanessa Campos de Sousaⁱⁱ

Débora Simone de Carvalho Santosⁱⁱⁱ

Resumo

A sociedade capitalista é caracterizada pela exploração humana. Aqueles que detêm o poder econômico têm suas necessidades materiais plenamente atendidas. Ao trabalhador, cabe a venda da sua força de trabalho em um sistema onde tudo é convertido em lucro para os empresários. Estes, tratam de impor necessidades e medidas que convergem para a manutenção do poder. É nesta perspectiva que inserimos a necessidade que ser humano apresenta para renovar as suas energias e fortalecer o corpo através alimentação. A inserção da horta na escola e, especialmente no ensino de ciências, constitui um desafio. Primeiro, a temática não integra os livros didáticos e currículos escolares. Segundo, os projetos existentes enfatizam primordialmente os aspectos pragmáticos. Assim, as considerações que apresentamos convergem para o desenvolvimento das hortaliças e frutas, enquanto conteúdo escolar, embora, o ponto de partida permaneça a produção de uma horta
Palavras-chaves: Horta - Alimentação - Ciências

INSERTION OF GARDEN IN THE SCHOOLS

The Capitalist Society is characterized by the human exploration. Those who detain the economic power have their material needs completely answered. To the worker it is enough to sell his working strength in a system where everything is converted in gains for the businessmen. They treat to impose the needs and measures that converge to the power maintenance. It is this perspective that we insert the needs that the human being introduces to renew its energy and to strengthen the body through food. The insertion of the school garden and especially the teaching of science constitutes the challenge. First, the subject doesn't join the textbook and school curriculum second. The existent projects emphasize primarily the pragmatic aspects. Like this, the considerations that we introduce convert to the develop meet of the fruits and vegetables while the school content maintains the production of the school garden at the starting point.

Keywords: garden – food – sciences

A crítica feita a escola tem resultado em propostas que coadunam com a sociodemocracia, como é o caso da manutenção da escolanova e o propagado construtivismo. Reconhecemos que a inserção de temáticas diversas, inclusive sob a denominação de temas transversais tem resultado em um esvaziamento do cumprimento do papel da escola. Referimos essencialmente a redução do conteúdo que atinge a escola pública. Fundamentalmente, estamos fazendo menção ao 'conteúdo clássico' que foi produzido ao longo da história da humanidade.

Outra forma de defender a escola para todos é através do distanciamento do conhecimento da classe trabalhadora. Nesta caso, o caminho tem sido o afastamento de toda e qualquer prática social. Trata-se o conhecimento científico de forma que o mesmo transparece uma concepção de neutralidade, esquivando-se de toda e qualquer relação com o ser humano. É a escola, enquanto instituição que repercute a sociedade capitalista 'cumpra o seu papel' por socializar um conhecimento de forma a transparecer que o mesmo deve ser de domínio daqueles que detém o poder.

A inserção da horta na escola não deve ser encarada como um acréscimo de um conteúdo ou apenas uma atividade pragmática. Trata-se, na realidade, de uma oportunidade de estabelecer relações entre o trabalho, a produção de alimentos e a escola. Em si, o simples fato de estabelecer relações entre estes três aspectos já justifica a implantação da horta em uma escola pública. Mas, acrescenta-se, fundamentalmente, o trabalho educativo com os conceitos inerentes ao ensino de ciências, onde poderá ser trabalho a anatomia e/ou fisiologia vegetal. Esta perspectiva valoriza o trato conceitual considerando que a ação pedagógica da escola deve viabilizar a apreensão conceitual. É desta forma que a criança gradativamente amplia seus conhecimentos e mesmo mantendo uma relação com o mundo do trabalho redimensiona seus conceitos na perspectiva da não-cotidianidade.

O presente trabalho reflete uma pesquisa que objetiva responder um questionamento a respeito do trato pedagógico das hortaliças e plantas frutíferas na escola municipal. A escola já trabalha com a categoria flora, conseqüentemente, não se trata de um acréscimo de conteúdo. Trata-se de uma mudança onde a criança deverá ter acesso, através da linguagem escrita, do conhecimento científico que contempla as características vegetais identificadas nas plantas que irão ser plantadas no terreno escola. Claro que a coerência desta proposta acontecerá pela percepção do aluno diante do que será estudado em sala e no espaço escola, fora da sala de aula. Ademais, acrescenta-se que a formação escolar não pode ser delimitada ao mundo perceptível, ao imediatismo. Desta forma a analogia entre o estudado em sala e no espaço escolar fora da sala não constituirá uma justificativa para mencionar, por exemplo, as briófitas. A escola cumpre o seu papel a medida que oportuniza o conhecimento que a criança não tem acesso no dia a dia, o senso comum.

A seguir, apresentamos uma reflexão a respeito do trabalho na nossa sociedade. Em seguida, tecemos algumas considerações que norteia a

alimentação do trabalhador no mundo local, onde tudo é caracterizado pelo lucro. Assim, além da marcante consequência da venda da força de trabalho que beneficia praticamente os empresários, registramos os interesses ideológicos que se manifestam na 'alimentação rápida', onde muitas vezes provocam prejuízos para o bom andamento do corpo humano. Por fim, argumentamos favoravelmente na implantação de uma horta, enquanto meio para trabalhar não apenas os conceitos pertinentes a disciplina de ciências, mas, recorrer a horta para desenvolver outras ações que relacionam com o conhecimento historicamente produzido, inclusive com destaque para o trabalho que valoriza a textualidade (PROTEXTUALIDADE).

1. A FORÇA DE TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Vivemos em uma sociedade que visa a obtenção do lucro diante do trabalho executado. O trabalhador vende sua 'mão de obra' em prol da obtenção de um salário que o utiliza na realização de suas necessárias, incluindo àquelas impostas pelo sistema que constrói normas e valores e, conseqüentemente, condicionam os seres humanos a viver uma vida em sociedade. A sociedade capitalista impõe normas e nos qualifica como produto. O trabalhador se sente induzido a comprar determinada mercadoria com o objetivo de obter status na sua convivência social. Este tipo de afinidade entre o ser e o objeto passa a determinar o ser a partir do objeto de consumo.

O ser humano não se vê mais dono de si mesmo, passando a vender seu trabalho, suas emoções e sentimentos na elaboração de mercadorias, e não podendo usufruir de seu próprio trabalho.

No modo de produção capitalista, a força de trabalho converte-se numa mercadoria mais submetida a idênticas leis do que o conjunto destas; uma mercadoria que é resultado de um processo de produção concreto, que se troca – vende e compra – no mercado a um preço que oscila em torno do seu custo de produção e, portanto, se aproxima do seu valor de troca, etc.” (ENQUITA, 1993, p.176).

Conseqüentemente, a força de trabalho que é explorada pelo patrão, com o objetivo de ocorrer uma maior apropriação do lucro, reduz cada vez mais aquilo que caberia ao trabalhador. “Se sob o capitalismo o trabalho pode se tornar em algo “abominável”, isso não tem importância nenhuma para a necessidade do trabalho em geral para a formação do homem” (ENQUITA, 1993, p. 308). Essa questão que incide diretamente na formação humana assume uma relevância a medida que o trabalho passa a ser uma via de alienação.

Para aqueles que detêm o poder econômico o que interessa é a negociação da mercadoria que proporcione a mais-valia. “É, pois, na compra, apropriação e consumo desta mercadoria especial – força de trabalho, componente da

mercadoria como um todo – que o capitalista encontra a fonte única do lucro” (FRIGOTTO, 1993, p. 78). Por outro lado, muito pouco restará para o trabalhador.

Os empresários obtêm, em cima da ‘mão de obra barata’ (exploração), lucros exorbitantes. Trata-se, portanto, de uma “redução do trabalho humano às vicissitudes mercantis [...] o trabalho, [...] como atividade lucrativa, como gerador de valores de troca, leva à completa depreciação do homem” (FREDERICO, 2009, p. 137). E como resultado desta relação surge a mercadoria, cujo valor concentra-se fundamentalmente na obtenção do lucro. A mercadoria, em si, não desperta interesse é apenas uma via da mais-valia.

O consumidor compra um produto com valores de lucro inclusos na mercadoria, Utiliza-se do fetichismo que valoriza a mercadoria, colocando funções e ofertas encantando o cliente, aumentando sua pretensão de obter o produto. A participação do trabalhador nos dividendos é mínima em relação ao lucro obtido pelo patrão, mostrando que o maior responsável pela produção da mercadoria, é o explorado que recebe pouco em vista do que deveria receber por uma participação maior na produção. Quer dizer, o trabalhador não recebe o equivalente ao seu esforço de trabalho, seu recebimento é o mínimo comparado ao valor obtido pela venda da mercadoria. Essa exploração é a condição básica no processo de manutenção da sociedade capitalista.

O trabalhador ao receber o salário para realizar seus anseios pessoais, necessário ao seu “convívio” na sociedade, faz com que o dinheiro circule e o empresário retém o seu lucro. Através do trabalho o ser humano atende suas necessidades.

“O trabalho é o meio pelo qual o homem obtém a satisfação de suas necessidades. Mas não só de suas necessidades naturais e imediatas, como também de necessidades mediatas e sociais, não importa por enquanto que sejam fixadas pelo próprio trabalhador, individual ou coletivamente, ou por outro homem, ou pela sociedade ou a produção considerada como algo diferente dos homens que são membros ou seus agentes” (ENGUITA, 1993, p. 301).

Constata-se, ainda que esse atendimento é norteado pela busca desenfreada para que o ser humano não tenha condição de aprofundar qualquer análise das relações sociais. Diante desse fato, inicia-se o corre-corre do cotidiano, a luta pela sobrevivência. O trabalhador atende suas necessidades de sobrevivência de maneira rápida e descontrolada, nem sempre dispondo de tempo para aproveitar os momentos de prazer e de perceber a existência de outras necessidades inerentes a humanização. Incluímos nesta perspectiva a alimentação, condição vital que está diretamente relacionada com as condições materiais.

2. A ALIMENTAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Ninguém tem dúvida que uma condição básica para qualquer ser humano é a boa alimentação que proporcione os nutrientes e a energia necessária para o desempenho de cada ser social. Da mesma forma ninguém tem dúvida da condição básica para suprir esta necessidade, na sociedade capitalista, as condições materiais. Estas são determinantes naquilo que o ser humano ingere. Mas, não se trata da única causa da alimentação inadequada.

A alimentação desregular e não apropriada é uma das maiores falhas da sociedade capitalista. Muitos se preocupam com a alimentação necessária para realização das atividades do dia a dia. Por outro lado, muitos se preocupam em ter uma boa alimentação quando já estão com alguma deficiência no organismo que prejudica o desenvolvimento das atividades julgadas necessária para continuar seu trabalho na procura por obter as condições de sobrevivência. Uma alimentação não saudável, pode causar graves prejuízos a saúde, ocasionando falta de nutrientes que deixem o indivíduo vulnerável a doenças decorrentes do esforço diário sem preocupação com seu organismo. Nada é balanceado! Com muitos trabalhadores ocorre a ingestão, em abundância, de certo nutriente em um dia e no outro dia, ocorreu total escassez, demonstrando assim que o atendimento das necessidades depende das circunstâncias econômicas.

Acrescenta, ainda, o estilo de vida que o sistema impõe ao trabalhador supostamente livre. Todo o seu tempo é condicionado pelas obrigações junto ao trabalho alienante. Desta forma, até mesmo o momento da alimentação fica comprometido. E o sistema, como sempre encontra um 'jeitinho' de perpetuar as hodiernas condições, através do "fast food", que são conhecidos como alimentos servidos rapidamente e ingeridos mais rapidamente. Saciam no momento que são ingeridos, mas não suprem as necessidades diárias de sobrevivência do ser humano. Resultando no abuso dos carboidratos, aditivos químicos e muita frituras. Tudo caracterizado pelo prazer imediato, embora, provoque sérias conseqüências, por exemplo, de natureza cardiovascular.

Constantemente a mídia promove receitas de comportamento, inclusive de natureza alimentar. Assim, a televisão – a "grande pedagoga da sociedade capitalista" – divulga pesquisas que definem as quantidades diárias necessárias para o indivíduo e explica o necessário para um equilíbrio na alimentação. Não resta a menor dúvida que é muito útil o entendimento da pirâmide alimentar, que representa de maneira clara os nutrientes necessários ao ser humano na ingestão dos alimentos que trazem o balanceamento na alimentação para que a mesma seja saudável e traga ao organismo benefícios e não prejuízos causados a má alimentação. Porém, o que as grandes empresas televisivas, propositadamente, omitem são os interesses ideológicos nas suas ações que manifestam uma hipócrita bondade. Como exemplo, o crescimento das plantações com transgênicos e o desmatamento para atender a demanda das empresas agropecuárias.

Uma boa alimentação favorece o trabalhador para que o mesmo continue exercendo uma ~~ROTINA PROFÍCUA~~ A elaboração de seus objetivos. Educar um adulto, conduzindo-o a manter uma rotina correta de alimentação pode ser mais complicado do que introduzir mudanças na alimentação infantil, com a finalidade de manter uma alimentação saudável. Mesmo sendo complicado não se pode ser considerado impossível, pois o ser humano sente a necessidade de alimentar-se bem. Mas, além da questão apontada anteriormente referente às condições

materiais do trabalhador e a exploração das indústrias de alimento, o trabalhador carece de informações que o conduza ao caminho do conhecimento dos alimentos, das frutas e hortaliças e, conseqüentemente, introduzi-las diariamente ao seu cardápio.

3. A HORTA NA ESCOLA

O PLANO DE TRABALHO da horta escolar pode ter como objetivo a introdução das hortaliças na merenda escolar, com a finalidade de proporcionar uma boa alimentação no período escolar. Em si esta finalidade justifica o desenvolvimento de uma horta. Afinal, tudo que for feito para diminuir o percentual de crianças desnutridas no Brasil, enriquecendo o cardápio das crianças é válido.

Outro objetivo que pode incidir na Horta Escolar refere-se a inclusão dos responsáveis pelas crianças. Quer dizer a Horta na Escola poderá envolver não somente as crianças, mas os pais, parentes, pessoas próximas. Estas estarão participando mesmo que indiretamente na execução da horta e nos benefícios que a mesma poderá lhes proporcionar, não somente levando em conta benefícios da alimentação, mas também benefícios sociais. Constituirá uma oportunidade inédita de envolver a família em uma atividade que condiz com as lições aprendidas na escola.

Aqui, o que estamos denominando de Horta na Escola deve ser extensivo a uma compreensão que contempla as plantas frutíferas. Com um espaço adequado e a execução das lições aprendidas a família do aluno pode produzir uma horta, complementar a alimentação com os vegetais e as frutas colhidas. Os vegetais são ricos em vitaminas, minerais e contém nutrientes que não são encontrados em outros tipos de alimentos, seu consumo contínuo auxilia na prevenção de certas doenças da modernidade e nutrem o organismo com proteínas necessárias para um bom desempenho físico e mental. No caso das crianças envolvidas na *Horta na Escola*, poderia diminuir o percentual de anemia e obesidade entre elas.

No ambiente escolar os participantes principais, os próprios alunos, farão parte de cada passo do plano de trabalho. Desde o planejamento inicial, da proposta de execução de uma horta, até os momentos das colheitas. Essa participação será importante para que eles possam presenciar e sentir-se motivados para continuarem o cultivo das frutas e hortaliças procurando aprender/conhecer cada vez mais sobre o cultivo, trazendo suas experiências adquiridas na elaboração da horta, ao ambiente da sala de aula, com a produção escrita das suas histórias, experiências, processos aprendidos, etc. O processo de aprendizagem através desse tipo de atividade poderá beneficiar os alunos tanto no ambiente familiar e social como também no ambiente escolar da criança. Os conceitos aprendidos na execução do trabalho, na escola, contribuirão para que o aluno sinta-se estimulado para realizar a mesma atividade em casa, juntamente com os pais e os irmãos, com a família.

4. IMPORTÂNCIA DA HORTA NA ESCOLA

Inicialmente consideramos a horta um projeto de importância significativa para o aluno que irá executá-la. O mesmo irá conhecer sobre as vitaminas contidas nos alimentos que serão plantados, seus benefícios para a saúde e receitas divertidas de como ingerir este alimento, incentivando o consumo diário. Pretende-se manter o aluno na execução de tarefas, colocando em prática, a abordagem teórica trabalhada em sala de aula e estudos fora do ambiente escolar. O manuseio da horta pelos alunos auxilia na aprendizagem de diversas disciplinas. O aluno se sentirá empolgado em conhecer mais o universo da horta, pois o conhecimento que ele obtiver da mesma, lhe causará vontade e satisfação de aprender sempre mais, observando que o conhecimento escolar o auxilia na produção de alimento.

A Horta na Escola é uma prática que estará diretamente relacionada com o conhecimento da AULA DE CIÊNCIAS, que por sua vez manterá um vínculo diretamente com uma atividade de produção material, onde poderá propiciar a criança, uma gradativa compreensão de alguns

fenômenos da natureza, as suas propriedades, as suas leis, assim como as relações entre ele próprio, homem e a natureza; ao mesmo tempo, pela sua atividade de produção, ele aprende a conhecer em graus diversos, e também de uma maneira progressiva, certas relações que existem entre os próprios homens (TSE-TUNG, 1999, p. 12 e 13).

O estabelecimento de relações – a aproximação entre aquele que tem um determinado conhecimento e a criança – pode ser benéfico para o desenvolvimento da criança.

Afirmamos que em colaboração a criança sempre pode fazer mais do que sozinha. No entanto, cabe acrescentar: não infinitamente mais, porém só em determinados limites, rigorosamente determinados pelo estado do seu desenvolvimento e pelas suas potencialidades intelectuais. Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha (VIGOTSKI, 2000, p. 329).

Além do mais, a horta é um projeto que *aos olhos das crianças* é muito atrativo, pois são poucas as matérias que os alunos aplicam a teoria em uma realidade concreta. O poder de manusear a horta, de poder conhecer a terra, de perceber que suas decisões e opiniões foram contempladas, conquistar o respeito do grupo, presenciar o benefício e a concretização do que foi planejado são algumas ações que justificam a implantação da horta na escola.

Na região que vivemos a produção de horta é uma realidade presente nas vivências de todos, inclusive das crianças da escola que se executará o projeto, as lições que são apresentadas em sala, serão levadas ao meio social em que vivem e a oportunidade de obter uma renda com a colheita da horta, atrai tanto os alunos que procuram ajudar na renda dos pais, quanto aos pais que procuram meios de obter um auxílio para melhorar as condições da sua família. Em casa ou na cantina da escola, na hora do almoço, lanche ou no jantar, os pratos estarão mais recheado de nutrientes e produtos que colaborarão com a boa nutrição das crianças.

Uma prática didática que pode complementar o ensino dos alunos é a apresentação de “campanhas”, que os próprios alunos irão organizar, incentivando uma boa alimentação, mostrando o que ocorre com uma deficiência de nutrientes e a importância de cada vitamina para o organismo. Coaduna com esta prática um trabalho preparatório que envolva o uso de imagens (fotos e DVD).

Ao apresentarem fotos e retratarem a experiência de terem elaborado uma horta, como, a escolha das sementes para serem plantadas vários temas podem ser abordados. Os professores de todas as matérias poderão auxiliar a criança em um tema que ela escolher. Uma espécie de “feira”, onde os alunos comercializarão as frutas e hortaliças que obtiverem durante a colheita, poderão ser feitos cartazes de propagandas, trabalhando o desenvolvimento da criatividade da criança e métodos aprendidos nas aulas artes. No desenrolar desta atividade, deverá ter uma estante com os produtos, cartazes temáticos e textos ligados a ciências, história, geografia, matemática e até mesmo língua estrangeira. As crianças poderão apresentar os nomes de cada fruta ou leguminosa, as partes de cada uma delas, os nomes dos materiais necessários na elaboração e cultivo da horta, entre outras. Esse tipo de atividade, utilizada na apresentação do tema, cativará os alunos muito mais do que a apresentação do temas de uma forma essencialmente expositiva.

A elaboração da horta auxiliará consideravelmente na aprendizagem do escolar. Assim,

a assimilação do sistema de conhecimentos científicos também não é possível senão através dessa relação mediata com o mundo dos objetos, senão através dessa relação mediata com o mundo dos objetos, senão através de outros conceitos anteriormente elaborados (VIGOTSKI, 2000, p. 269).

No estudo de história poderá ser feito um estudo, onde os alunos ‘investigariam’ os primórdios do homem ao conhecer a agricultura. Ao apresentar a agricultura de cada povo, para onde flui a produção das diversas regiões e explicar a exportação e a comercialização será feito uma ‘ponte’ com o conhecimento geográfico. No aprendizado da língua portuguesa, poderiam pesquisar sobre os nomes que as frutas recebem em cada lugar do País,

estudando a cultura dos estados e a origem do nome de determinada fruta. Poderá ser produzidas algumas frases com as hortaliças e frutos. No caso específico da disciplina de ciências, pode-se aprender sobre tipos de plantas, flores e fruto. Ainda, em geografia pode ser feito um estudo relacionado ao clima necessário para que cada uma das hortaliças desenvolva bons frutos, a importância da água. Na área da matemática pode-se fazer uso de gráficos que mostrarão o rendimento da colheita e a evolução da horta.

Percebemos que a construção da horta auxilia, não apenas uma matéria, mas sim, a utilização em várias disciplinas escolares. Acrescenta, ainda, os benefícios psíquicos por auxiliar no desenvolvimento psicomotor na criança. Na sala de aula, a horta será utilizada como um material pedagógico que auxiliará a criança no processo de aprendizagem e de descoberta da escrita, tentando utilizar-se dos benefícios e da empolgação com o projeto, trazendo a criança para um universo da leitura e escrita.

3. ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA HORTALIÇAS E FRUTAS

Alguns critérios devem ser analisados na produção da horta, como a escolha do local adequado para executar o plantio, com boa luminosidade para que a planta nasça com vitalidade. Elaborar uma horta inclui escolher o local, um ambiente correto, limpo e sem animais próximos, colocar as sementes, aguardar brotar e esperar crescer. A horta requer dedicação e atenção diariamente. É necessário que uma pessoa fique responsável para olhar o andamento da horta, regue todos os dias, pelo menos duas vezes ao dia, uma pela manhã e outra à tarde. Na falta de cuidados e de elementos que auxiliem no rendimento do plantio, a colheita pode ficar comprometida não havendo proveito na produção.

3.1 ÁGUA

Um componente vital para a vegetação, a água, é mais do que um componente celular. É um veículo que possibilita a apreensão dos micronutrientes fundamentais para o crescimento vegetal. No caso das hortaliças, há uma necessidade diária de água. Uma condição básica que permite o desenvolvimento das plantas.

3.2 SEMENTE

Após a escolha do terreno, do espaço obtido e a preparação do mesmo, devemos pensar e procurar escolher os tipos de sementes que iremos plantar na horta, com pretensão de boa colheita. Alguns tipos de sementes requerem mais cuidados para obtermos uma colheita desejada. A participação das crianças com a escolha das hortaliças e frutas é importante para que eles sintam que a horta faz parte delas, que os momentos de colheitas, têm o mérito de cada um, que

ajudou na produção da horta. Existem diversas espécies diferentes de hortaliças e frutas e antes da escolha do que plantar, é necessário que se faça um estudo sobre alguns desses tipos, é necessário conhecer o clima exigido pela planta para seu crescimento, grau de necessidades de cultivo, para saber se é um vegetal que requer mais complexidade em seu cultivo, número de colheitas possíveis no ano, profundidade necessária para plantar a semente. Sementes plantadas em profundidades muito rasas podem nascer hortaliças/frutas muito frágeis que caem facilmente, pois a raiz da planta não irá fixar-se ao solo, afetando o desenvolvimento do vegetal. Devemos ter atenção aos cuidados solicitados para o desenvolvimento da planta, para que a escolha do vegetal e das frutas, não cause decepção na colheita, causando desânimo ao aluno, pelo projeto não ter sido bem sucedido. Ao colocar as sementes, devemos lembrar que nem todas as germinam, por esse motivo é recomendado que se coloque sempre um pouco mais de grãos. Alguns projetos que englobam a produção de uma horta, as sementes são aplicadas em recipientes separados, para que não haja o risco das sementes que foram aplicadas na terra germinarem de uma só vez, causando uma desordem na produção, após o crescimento da planta, a muda é extraída do recipiente e plantada diretamente no solo, isso dá uma segurança no critério da germinação. Após a colocação das sementes ou das “mudas”, as cubra com uma leve camada de terra. Molhe um pouco o solo e após a execução dessa etapa, fique regando um pouco todos os dias, com pouca quantidade, para evitar que o solo fique encharcado. As melhores horas para regar são pela manhã e no período da tarde depois das 15:00 horas, que é quando o sol está menos quente, evitando a evaporação rápida da água do solo, evitando a absorção da água pelo solo.

3.3 SOLO

A construção de uma horta requer planejamento e cuidados. Inicialmente o mais relevante é a escolha do solo, onde iremos plantar as hortaliças e frutas na qual o grupo de alunos, professores e pesquisadores irão escolher dentre as variadas opções que o mundo das hortaliças e frutas proporciona encontrar, plantar, cultivar, alimentar e desenvolver projetos, para melhorias da comunidade, diretamente ou indiretamente ligadas ao cultivo da horta e execução desse projeto. Ao planejarmos essa construção, devemos consultar um profissional qualificado, ou uma pessoa, que entenda de solos, para que o mesmo possa nos auxiliar na escolha do terreno para melhor desenvolvermos o plano de criação da horta escolar. O solo para a produção da horta no ambiente escolar deve estar livre de pedras e entulhos, preferencialmente ser plano, “fofo” e poroso, pois é um solo que permite melhor penetração das substâncias que nutrem a planta, através da absorção pelas raízes, na solução dos nutrientes com a água. Na seleção do solo, a pessoa/profissional que irá fazer a análise, irá observar os aspectos físicos, químicos e biológicos. Os aspectos físicos compreendem a estrutura do solo em relação ao material orgânico contido no mesmo, a quantidade de água,

minerais, nutrientes necessários a formação estrutural das frutas e hortaliças, compreendendo assim aspectos químicos que englobam os nutrientes utilizados pelas plantas, extraídos pelas raízes desses vegetais. Atuando como componente de estruturação, possibilitando a vida microbiana, que assiste na construção de nutrientes para o solo, o composto orgânico é de poder relevante ao desenvolvimento das hortaliças/frutas, para que a horta tenha um crescimento adequado.

3.4 ESPAÇAMENTO

As sementes devem ser semeadas não muito próximas, uma divisão dos locais onde teremos que jogar as sementes deve ser calculado, fileiras não muito perto uma das outras com locais apropriados para inserirmos as sementes.

3.5 LUZ

Os vegetais utilizam da luz solar para converterem a luminosidade absorvida em energia química, através de um processo conhecido como fotossíntese. Por esse motivo é importante que a escolha do solo seja em um terreno onde temos uma boa iluminação solar para a plena produção das hortaliças.

4. HORTA NA SALA DE AULA

Não se pode utilizar a horta somente no ambiente externo a sala de aula. O objetivo da construção de uma horta na escolar não é, exclusivamente, levar a prática ao aluno. Não podemos esquecer do principal objetivo, em qualquer temática escolar, que é ensinar a teoria. A prática ensina, contudo a teoria leva a uma prática mais conceituada e com determinadas experiências para tratar sobre diversos assuntos. Ao citarmos a horta na sala de aula, queremos defender a aplicação da proposta denominada de PROTEXTUALIDADE que está organizada em sete etapas:

1º) PLANEJAMENTO A PARTIR DA PRÁTICA SOCIAL E INTRODUÇÃO
(em sala de aula)

2º) PROBLEMATIZAÇÃO

3º) SONDA GEM (PRODUÇÃO TEXTUAL INICIAL)

4º) A AULA PROPRIAMENTE DITA

5º) A ANALOGIA ENTRE O PROJETADO E O EXECUTADO

6º) PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL

7º) REDIMENSIONAMENTO DA PRÁTICA SOCIAL

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exploração humana tem resultado no afastamento do ser humano daquilo que é saudável e benéfico. Constatamente o empresariado vende uma falsa imediata do descartável, onde a alimentação natural é substituída pelo alimento industrializado. Como tudo neste sistema, a alimentação faz parte do interesse capitalista. O trabalho, enquanto força de trabalho, serve para manter a 'máquina funcionando'. Mas, a grande estratégia é a alienação que conduz a manutenção da hodierna condição de injustiça social.

A escola, enquanto instituição da sociedade capitalista, 'cumpre o seu papel' quando a mesma coaduna com a exploração humana. Por outro lado, a escola, enquanto instituição da contradição, subverte as imposições capitalista por propocinar uma formação que conduza a formação para a humanização.

A inserção de uma horta, conforme fizemos menção ao tratar das peculiaridades, requer algumas condições básicas, destacando a água. Mas, o grande ganho não é apenas a possibilidade desta pequena produção chegar a merenda escolar. Quer dizer, uma verdura ou uma fruta isenta de agrotóxico. Mais ainda, o grande desafio é a possibilidade de contribuir na mudanças de um hábito nas crianças e, conseqüentemente, nos seus familiares. Claro que é um desafio muito grande e que envolve a participação dos gestores, professores, crianças e familiares. Porém, vale apenas investimos naquilo que poderá resultar em benefícios para os demais.

6. REFERÊNCIAS

ENQUITA, M. **Trabalho, escola e ideologia**: Marx e a crítica da educação. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 1993. São Paulo : Expressão Popular, 2009.

FREDERICO, C. O jovem marx. 1843-1844: as origens da ontologia do ser social.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola produtiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo : Cortez, 1993.

TSE-TUNG, Mao. Sobre a prática e sobre a contradição. São Paulo : Expressão Popular, 2006.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

ⁱ Professor do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA. Coordenador do Grupo de Estudos da Educação Básica-GEEB. Email: prof.pimentel@click21.com.br

ⁱⁱ Graduanda do Curso de Pedagogia da URCA e membra do GEEB. Email: sousavcs@gmail.com

ⁱⁱⁱ Graduanda do Curso de Pedagogia da URCA e membra do GEEB.